

Flanelógrafo... um objeto que produz narrativas.

Ailton Santos Leite

Bacharel em Desenho Industrial pela Universidade Federal do Rio de Janeiro;
Especialista em Gestão Ambiental para Educação pela Universidade do Estado
do Rio de Janeiro; Mestrando em Design pela PUC-Rio.

Palavras-chave: design, educação ambiental, comunicação, semiótica, narratividade e tecnicismo.

Resumo.

Este ensaio pretende, através da análise de um objeto pedagógico, estabelecer algumas relações entre a atividade do designer e a prática social da Educação Ambiental (E. A.). Este diagnóstico do objeto, sob a luz da Pedagogia, traz a tona alguns aspectos semióticos que regem esta surpreendente relação cognitiva entre vários campos do saber, como o Design, a Comunicação, a Semiótica e a E. A. O objeto em questão é o flanelógrafo, que foi utilizado como técnica pedagógica há algumas décadas atrás e hoje está em desuso. Este estudo propõe destacar as qualidades educacionais do flanelógrafo na produção de sentidos e significados, tendo como suporte a linguagem visual e a narrativa, presentes nesta relação.

Introdução.

Ao apreciar o "flanelógrafo" sob a ótica do Design e da Educação, principalmente no tocante a E. A., procuro discorrer acerca do instrumento flanelógrafo, de suas aplicações dentro do campo educacional de cunho ambiental e de suas possibilidades enquanto objeto de design. Para atingir este objetivo, conceituo a E.A. e suas relações com o campo do design. Também, sugiro quais os aspectos narrativos que o flanelógrafo pode vir a ter como formador de mensagens e significados, através da linguagem visual e verbal. Partindo desta premissa, apresento o flanelógrafo como uma

ferramenta poderosa para a construção do saber, facilitando a decodificação de mensagens em prol de um aprendizado mútuo, estabelecendo uma reciprocidade entre o emissor e o receptor.

A formação de sentidos fica assim mais fluida dentro deste processo interativo de troca de conhecimento de forma consensual entre os indivíduos, intermediados pelo nosso objeto de flanela.

Mas, afinal, o que é um flanelógrafo?

Tecnicamente, um flanelógrafo é composto por um pedaço quadrado ou retangular de tecido felpudo (os mais usados são o feltro e a flanela), de cor escura – verde escuro ou preto – de dimensões que sejam satisfatórias para leitura à distância, que não costumam ser menores que 2,0 m para ambos os lados. Na superfície desta base são afixados desenhos que costumam ser plastificados para uma maior conservação e durabilidade do material e são montados em uma base rígida leve (isopor, papel cartão ou cartolina). No verso do desenho é colado um pedaço de velcro ou uma simples lixa, que permite que o desenho seja fixado na superfície do pano.

A estrutura simplificada do flanelógrafo permite que o educador tenha uma maior flexibilidade para trabalhar os mais diversos conteúdos. Esta característica faz com que haja um processo dinâmico de intercâmbios e interações fazendo tanto o pretense educador quanto os supostos educandos construam um processo de aprendizado recíproco.

Esta técnica pedagógica caiu em desuso no país, principalmente a partir da década de 1980. Segundo declarou em entrevista a mim concedida, a Prof. Maria Luiza Oswald do Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio afirma este fato é devido à rejeição dos profissionais de Educação a qualquer prática que fosse oriunda da Escola Tecnicista.

As escolas no Brasil.

Para contextualizarmos a Tecnicismo e a conseqüente rejeição do flanelógrafo por parte de muitos educadores, faço aqui um breve apanhado histórico da Escola Brasileira.

Segundo Breyner (2002) com a chegada dos jesuítas após o descobrimento do Brasil, foi fundada a primeira escola do país em 1549. O ensino era focado na figura do professor, que era quem direcionava a transmissão do saber de forma clássica através de exercícios de fixação. Este sistema era regido por normas disciplinares muito rígidas, não sendo permitido aos alunos qualquer questionamento quanto ao método aplicado. Este modelo escolar, chamado de Tradicional, existe até hoje.

Em 1932, em plena "Era Vargas", um novo movimento de reforma do ensino começa a tomar corpo no Brasil. É a Escola Nova, que ao contrário da linha tradicional, visa o aluno como figura central do processo de aprendizagem e o professor como um agente facilitador deste processo. Esta política pedagógica de caráter fortemente democrático foi hegemônica até a década de 1960.

Com a implantação do regime militar a partir de 1964, um outro modelo educacional foi proposto, ou melhor, imposto ao ensino brasileiro. Este modelo, chamado Tecnicismo distingui-se por o professor possuir uma função pedagógica de características técnicas. Assim, o aluno era preparado para uma função igualmente técnica, sem que este possa refletir sobre o seu aprendizado, pensar e muito menos questionar o formato aplicado. Durante este período diversas disciplinas de cunho humanista, como sociologia e filosofia, foram retiradas do currículo escolar.

Com a reabertura do processo democrático na década de 1980, a Educação conduz novas propostas de ensino aprendizagem, visando a participação concreta do educando na relação de aquisição e construção do saber. A esta linha deu-se o nome de Escola Crítica, que rejeitou todas as iniciativas e métodos educacionais utilizados anteriormente, especialmente os

oriundos do Tecnicismo (como é o caso do flanelógrafo). Esta repulsa persiste até hoje, principalmente nos meios acadêmicos.

Particularmente, contesto este posicionamento sectário com relação a um objeto simples, que pode, como veremos adiante, produzir inúmeras possibilidades de interlocução, comunicação e aprendizado. A forma de como o conteúdo das mensagens será trabalhado é de responsabilidade do profissional de educação e não da ferramenta que está sendo utilizada para este fim.

Os aspectos semióticos do flanelógrafo.

Antes de entrar nestes aspectos, apresento algumas definições sobre Semiótica. Segundo Pignatari (1985) a Semiótica é o estudo dos signos – que de acordo com o mesmo autor, signo é definido por Charles Sanders Peirce¹ como “toda coisa que substitui outra, representando-a por alguém, sob certos aspectos e em certa medida”.

Santaella (1999), afirma que a Semiótica é a ciência que estuda toda e qualquer linguagem e “tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. A autora identifica três fontes teóricas para a Semiótica, que são: a peirceana, oriunda dos estudos de C.S. Peirce; a soviética e a saussureana, baseada nas pesquisas sobre Lingüística de F. de Saussure², na Universidade de Genebra no século XIX. Neste trabalho, adoto a linha peirceana para fundamentar as minhas reflexões sobre Semiótica.

Voltando ao flanelógrafo, identifico no objeto várias características semióticas, já que ele pode ser trabalhado aliando a linguagem verbal e a não verbal. Pode utilizar –ou não– um interlocutor que vai arquitetar um sistema de

¹ Charles Sanders Peirce (1839-1914) formou-se em Química pela Universidade de Harvard, desenvolveu estudos em diversas áreas como a Matemática, Física, Biologia, Astronomia, é considerado o pai da Semiótica. Esta diversidade de áreas de estudo fez com que não fosse reconhecida a importância de seus estudos pelos seus pares no meios acadêmicos de sua época. Santaella (1999,p.16-19).

² Ferdinand de Saussure no início do século XX, com a primeira publicação do *Curso de Lingüística de Geral*, de *Ferdinand de Saussure* (1916), inaugurou o estudo da Lingüística enquanto ciência introduzindo uma distinção entre língua (ou langue) como um sistema global de regularidades e fala (ou parole), que são as expressões reais em si. O verdadeiro objetivo do lingüista é a langue de cada comunidade: as regularidades do léxico, da gramática e da fonologia que toda pessoa absorve ao ser criada numa comunidade particular de fala. Fontes: http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ09_11.htm; <http://www.nce.ufrj.br/ginape/publicacoes/trabalhos/RenatoMaterial/linguistica.htm>.

comunicação narrativa (Reis e Lopes, 1987:72-75) voltado para a produção de significação. Há um leque muito amplo de possibilidades na produção de mensagens através deste objeto. É nesse ponto que a função do designer é crucial na elaboração de um flanelógrafo, pois, em parceria com um profissional de educação, podem ser formulados diversos elementos iconográficos que formem mensagens verbo icônicas. Pignatari (op. cit, p.15) destaca que o designer tem nos tempos atuais tem que perceber, ou até mesmo criar, novas perspectivas de linguagem, bem como a expectativa de novas relações e estruturas de signos.

O papel do educador neste processo cognitivo é o de um interlocutor ou mesmo de um narrador. Se bem que, o flanelógrafo permite a construção de uma "narrativa coletiva" elaborada pelo educador e os educandos. Vlasman (In: Bordenave & Pereira, 1989 p.185) assinala que o educador deve expandir o ato de ensinar além dos limites da simples transferência de conhecimento. Fazer com que o aluno pense, reflita, seja estimulado a identificar e resolver problemas, como também, ajudar a criar novos paradigmas de comportamento a ação. Utilizando a Comunicação como uma aliada o professor pode e deve fazer com que o aluno desenvolva a sua habilidade de pensar e questionar sobre tudo aquilo que está sendo transmitido a ele.

A representação visual da narrativa.

Para falar sobre a representação visual, tenho que primeiramente discorrer acerca da imagem. Segundo Aumont (2002) a representação imagética é universal, mas de interpretação particularizada baseada em estruturas vinculadas a uma organização simbólica (como uma sociedade, por exemplo) e ligadas ao exercício de uma linguagem. O referido autor, a caracteriza ainda como meio de comunicação e representação do mundo e presente em todas as sociedades humanas.

Aumont (op.cit, p.244), segue relacionando a imagem e a narração no campo da significação. Ele afirma que a imagem representativa costuma ser uma imagem narrativa. Define também a narrativa como um conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história que

comumente é situada no tempo. O autor recorre a Platão para apresentar três tipos de narrativa: a verbal, a mimética e a mista, que comporta os dois tipos anteriores. Com relação à imagem, o autor classifica dois níveis de narratividade, sendo o primeiro enquanto imagem única e o segundo na seqüência de imagens.

Já Santaella e Nöth (2001) asseguram que a linguagem verbal não pode ser dissociada da imagem, já que esta última é anterior a qualquer código. De acordo com os autores, o universo imagético pode ser dividido em dois pólos que são as representações visuais - como desenhos, pinturas e fotografias - e as representações mentais, que são como as imagens surgem em nossa mente.

O flanelógrafo trabalha a narratividade da imagem associada a linguagem verbal das mais diversas formas, já que a sua estrutura permite uma multiplicidade de narrativas sobre um mesmo tema e que podem ser desenvolvidas de forma linear e não linear também. O esquema aceita que a narrativa seja estabelecida por todos os atores envolvidos no processo fazendo com que haja uma troca de saberes entre todos alternando os papéis de educadores e educandos em um mesmo espaço e tempo.

O Design e a Educação Ambiental.

O Design pode contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de responsabilidade ambiental, procurando ser um mecanismo modificador e de formação de novos conceitos relativos à melhoria da qualidade de vida, através de uma reestruturação dos contatos entre o homem e o meio.

Pelo prisma da Comunicação Visual, a contribuição é mais visível nos campos educacional e informacional, onde pode ser usada para a acessibilidade a informação e na geração de novos saberes, principalmente culturais, aos atores sociais. Segundo Lima e Silva (2002) a comunicação baseada na simbologia, permite que os indivíduos possam refletir sobre a sua realidade, sua dimensão e as conexões que podem ser estabelecidas entre o seu saber, o seu repertório cultural e os outros conhecimentos a sua volta.

Baseado em minha experiência profissional e nas pesquisas que venho desenvolvendo em torno do assunto, acredito que o designer tem uma função relevante na formulação de novas formas de linguagem e novos suportes de transmissão do saber, que contribuam para uma melhor disseminação da Educação e particularmente uma maior compreensão da Educação Ambiental.

Conclusão.

A aplicação do Design em Educação Ambiental e em outras áreas relacionadas ao meio ambiente, abre para o designer mais caminho para o exercício da atividade. Os aspectos interdisciplinares que levantam a temática da Educação Ambiental sob a luz da Comunicação e do Design são amplos e ainda pouco explorados. O que foi apresentado neste breve trabalho demonstra que é possível pensar e projetar um objeto de design visando a melhoria da qualidade de vida para todos, trocando saberes e conceitos que ampliam as fronteiras do conhecimento. É fundamental para o profissional de design refletir sobre estas questões, até porque a sobrevivência da humanidade passa pela mudança dos paradigmas ambientais e conseqüentemente o Design também, pois sem recursos naturais, não há matéria-prima para a fabricação de produtos e sem a produção industrial não há o que projetar.

Bibliografia

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. São Paulo. Editora Papirus, 2002.

BREYNER, Juliano. **Tendências da educação para o século XXI**. Jornal "a Página". Lisboa, novembro 2002, ano 11, nº 117, p. 34.

LIMA E SILVA, Francelina H. A. **Simbologia de Risco: a perspectiva imediata da informação no campo da biossegurança**. Dissertação de Mestrado não publicada em Ciência da Informação. Rio de Janeiro. ECO, UFRJ. 2002

PIGNATARI, Décio. **Informação, linguagem e comunicação**. São Paulo. Editora Cultrix, 1985.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia.** Coimbra, Livraria Almedina, 1987, p.72-75.

SANTAELLA, Lucia. **O que é Semiótica?** São Paulo. Editora Brasiliense, 1999.

_____ e NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia.** São Paulo. Editora Iluminuras LTDA, 2001.

VLASMAN, Terezinha dos S. **Ensinar não é só comunicar.** IN: BORDENAVE, Juan Díaz e PEREIRA, Altair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem.* Petrópolis. Vozes, 1989, p.185.